

II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, MEMÓRIA, CULTURAS E ORALIDADE.

AUTOR: LAILSON ANDRÉ FERNANDES
lailsonfernandes@hotmail.com.br
Graduando em filosofia - UECE

A importância do conceito de Cultura Capitalística

RESUMO: O conceito de cultura no pensamento de Félix Guattari, exposto no livro escrito com Suely Rolnik *Micropolítica: Cartografias do desejo*, exposto com maior intensidade no texto intitulado *Cultura de massa e singularidade*, não pode ser pensado sem levar em consideração suas conexões com outros termos necessários ao seu pensamento, como por exemplo, o conceito de classe, de massa, de liberdade, e tantos outros que se fazem importantes para a compreensão de um percurso histórico no desenvolvimento deste conceito até culminar na criação de uma Cultura Capitalística. A partir desta observação, convém questionar por que é importante o estudo do conceito de Cultura capitalística, elaborada por Guattari? Assim como a metodologia utilizada por Guattari no texto estudado, este artigo busca cartografar o conceito e a importância da crítica à cultura para repensar a construção das classes, bem como a possibilidade de qualquer criação fora da lógica capitalística.

PALAVRAS-CHAVE: Guattari. Cultura Capitalística. Subjetividade.

ABSTRACT: The concept of culture in the thought of Félix Guattari , stated in writing with Suely Rolnik *Micropolítica* book: *Cartographies of desire* , exposed with greater intensity in the text titled *Mass culture and uniqueness* , can not be thought of without regard to its connections with other terms necessary for their thinking, such as the concept of class , mass , freedom , and so many others who are important to the understanding of a historical journey in developing this concept culminating in the creation of a capitalistic culture . From this observation , it is worth questioning why it is important to study the concept of capitalistic culture , elaborated by Guattari ? Well as the methodology used in the text studied by Guattari , this article seeks to map the concept and the importance of critical culture to rethink the construction of classes as well as the possibility of creating any outside capitalistic logic.

KEYWORDS: Guattari. Capitalistic Culture. Subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

O livro *Micropolítica: Cartografias do desejo*, escrito pelo filósofo e psicanalista francês Félix Guattari e pela psicanalista brasileira Suely Rolnik, teve início com a visita desse ao Brasil no ano de 1982 (Período de intensos debates devido ao momento de redemocratização). O livro é iniciado com a afirmação, motivadora do início da presente pesquisa, que Cultura é um conceito reacionário. Sua crítica é inicialmente direcionada à cultura capitalista, denominando-a cultura de massas.

O filósofo afirma que uma das principais características dos modos de produção capitalísticos, muito além do registro dos valores de troca, é o modo de controle da subjetividade, realizado pela cultura e não pelo capital, pois a própria essência do lucro capitalista consiste, principalmente, na tomada de poder da subjetividade. Podemos observar que a palavra cultura teve vários sentidos no decorrer da história da humanidade, mas Guattari apresenta apenas três sentidos principais: “Cultura - Valor”, “Cultura - Alma Coletiva”, “Cultura - Mercadoria”. O primeiro corresponde a um julgamento de valor (quem tem cultura ou não e se pertence a meios cultos ou incultos), o segundo é ligado à civilização, onde todos tem cultura e qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural, como uma espécie de alma, um tanto vaga e difícil de captar, que se tornou uma noção ambígua no curso da história, sendo utilizada tanto pelo partido hitleriano quanto pelos movimentos de emancipação e, por ultimo, o terceiro sentido é o de “Cultura-Mercadoria” que é muito bem exposta por Guattari da seguinte forma:

“Cultura (mercadoria) são todos os bens: Todos os equipamentos (como as casas de cultura), todas as pessoas (especialistas que trabalham nesse tipo de equipamento), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, tudo que contribui para a produção de objetos semióticos (tais como livros e filmes), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal. Tomada nesse sentido, difunde-se cultura exatamente como Coca-Cola, cigarros, carros ou qualquer outra coisa”. (GUATTARI; ROLNIK, 2010. p.23)

A partir destes três sentidos de Cultura, Guattari apresenta a cultura Capitalística que engloba todos os anteriores e que produz e reproduz, principalmente, para aqueles que estão às margens. Melhor explicando, captam os grupos e indivíduos que não foram inseridos, formalmente, dentro da lógica do trabalho dominante, integrando-os à sociedade capitalista por meio de sua força coletiva de trabalho (o que ele pode realizar para manter o status quo)

que ocasiona a construção de uma força coletiva de controle social, sempre voltado para a lógica do Capitalismo Mundial integrado.

Com isso, o presente artigo busca expor e argumentar a importância da crítica à cultura elaborada por Guattari, bem como expor e levantar argumentos acerca do questionamento: por que é importante o estudo do conceito de Cultura capitalística, elaborada por este filósofo?

1. SOBRE CULTURA

O filósofo francês Félix Guattari e a psicanalista brasileira, organizadora da obra estudada, Suely Rolnik (1930-1992) apresentam no livro *Micropolítica: Cartografias do Desejo* a cultura como um conceito reacionário por se tratar de uma forma de separar as atividades humanas de orientação no mundo (social e cósmico) em setores, aos quais os homens são subjugados. A crítica é direcionada a nenhuma cultura específica, ela é anterior às próprias particularidades culturais, pois foi elaborada ao próprio conceito de cultura por isolar as atividades supracitadas, facilitando e até mesmo ocasionando sua padronização. Para exemplificar sua crítica, o autor faz uma referência à obra de Proust afirmando que “toda a obra de Proust gira em torno da ideia de que é impossível autonomizar esferas como a da música, das artes plásticas, da literatura, dos conjuntos arquitetônicos, da vida microssocial dos salões.” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.21).

A cultura e seus objetos, quando apresentada como esfera autônoma, só existem enquanto mercadoria e instrumento de poder dos mercados econômicos, pois nada que é produzido, que é criado e que é consumido na realidade é feito separadamente, sem fazer conexões, sem produzir, reproduzir, criar e recriar, etc, dentro de uma totalidade singular (criação subjetiva), social e cósmica, ao mesmo tempo.

Considera-se de extrema importância para pensar a filosofia, buscando ressaltar seu aspecto social-político, a problemática da cultura elaborada por Guattari, principalmente ao apresentar que os modos de produção capitalísticos¹ funcionam muito além dos valores de troca e dos valores da ordem do capital. Este modo de produção funciona principalmente por meio de um modo de controle da subjetivação que o autor chama de “Cultura de equivalência”, onde “desse ponto de vista o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva.” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.21). Porém essa sujeição subjetiva não é apenas a realizada por meio da publicidade voltada para o consumo de mercadorias, mas “É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.21).

A crítica apresentada por Guattari é direcionada à cultura de massa que é o elemento fundamental da Produção de subjetividade Capitalística, pois é por meio dessa cultura que se produz

indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.22).

É importante ressaltar que a subjetividade é produzida e não pode ser, de forma alguma, internalizada ou interiorizada, como é muito utilizado nos dias atuais para se referir a esta, pois essa produção não é apenas executada por meio da subjetividade dos indivíduos, por ocorrer de forma concomitante e conexa com a produção de subjetividade social (relação com o outro, com o meio ambiente, etc) e a produção de subjetividade do inconsciente. Portanto, a subjetividade capitalística produz desde o que sentimos quando sonhamos e amamos até o que sentimos quando odiamos. Em outras palavras, ela busca o controle de todos os aspectos do Ser Humano.

¹ Guattari cria o conceito capitalístico para designar as sociedades qualificadas como capitalistas e setores do “Terceiro mundo”, também chamado de capitalismo periférico, pois engloba até as economias socialistas que vivem em dependência do capitalismo. Este conceito é importante porque essas sociedades funcionam com uma mesma política, com o mesmo modo de produção da subjetividade e da relação com o outro. Essa observação é de extrema relevância porque, na história, é possível observar que não havia diferença alguma do trabalho soviético para o Norte Americano durante a guerra fria, bem como é ainda mais evidente o desejo e empenho tido e realizado pelos países socialistas e capitalistas para a superação tecnológica armamentista de seu oponente. Ou seja, era produzido o desejo pela mesma tecnologia, tanto nos Estados Unidos como na União das Repúblicas Soviéticas.

À oposição ao controle exercido pela subjetividade capitalística, faz-se necessário o desenvolvimento de modos de subjetivação singulares apresentado por Guattari como “Processos de singularização”. Este conceito é importante para a presente pesquisa porque, somente por meio dos processos de singularização é possível fugir², e necessário recusar os modos de manipulação da Cultura, da produção e da subjetividade capitalística, para que torne possível a construção de modos de sensibilidade, de relação com o outro, de produção e criatividade que produzam uma subjetividade singular, onde esta seja

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos”. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.23).

Porém, um dos conceitos que dificulta pensarmos uma singularização existencial, é o de Cultura.

2. A problemática da cultura

Guattari apresenta que o conceito de cultura teve vários sentidos no decorrer da história, mas é importante para esta pesquisa apenas três sentidos distintos de cultura, ressaltados pelo filósofo, que apareceram sucessivamente no decorrer da história e continuam a funcionar de forma simultânea na atualidade. Surgido com a ascensão da burguesia, a Cultura-Valor, o primeiro dos três sentidos, substituiu a importância das pessoas com qualidades pela qualidade da cultura das pessoas, que deve ser resultante de um determinado e estabelecido trabalho. “As elites burguesas extraem a legitimidade de seu poder do fato de terem feito certo tipo de trabalho (formalizado) no campo do saber, no campo das artes e assim por diante” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.23-24), e é a própria elite burguesa que afirma seu trabalho como produção cultural. Além disso, é usado para estabelecer diferentes níveis culturais e separá-los em setores para lhes atribuir valores, por exemplo, assistir a um espetáculo circense faz parte de uma cultura artística e não científica e muito menos clássica, logo, se estamos em um auditório participando de um encontro acadêmico e me expresso de forma a fugir do padrão de comportamento esperado que tenha quem está no auditório, rapidamente, esta pessoa será considerada inculta ou que ela não tem a cultura científica, pois nesse sentido de cultura é possível determinar até quem tem ou não tem cultura, para participar do meio científico.

² O conceito de fuga criado por Deleuze e Guattari é importante porque implica na efetuação de algo que não deveria ocorrer, mas que ocorre. Portanto, a fuga não tem o objetivo de tornar-se o poder, a lei ou a repressão, pelo contrário, a fuga convive com todos os mecanismos utilizados para eliminá-la.

A Cultura-Alma Coletiva, elaborada com o desenvolvimento da antropologia cultural no final do século XIX, aparenta ser mais inclusiva e democrática do que a anterior, pois nela não se pode mais dizer que há pessoas ou meios incultos, pelo contrário, todos tem cultura, mas podemos observar a existência de um etnocentrismo, pois a outra cultura será vista, sempre a partir da minha. Pode-se dizer que esta noção passa muito próximo de uma noção segregativa e até mesmo racista, porque apresenta diversos grupos culturais, cada um com suas características determinadas e que não se misturam, pelo contrário, cada um quer reivindicar para sua própria cultura uma qualidade positiva frente à outra cultura. Na formação deste sentido de cultura foram utilizadas noções que serviram para qualificar modos de subjetivação ao afirmar que algumas sociedades tinham uma alma ou uma mentalidade primitiva, como se todos os indivíduos de uma determinada cultura criassem seus modos de subjetivação identicamente, o que não ocorre, pois os modos de subjetivação são perfeitamente heterogêneos. Ainda falando de Cultura-Alma, ela é considerada por englobar domínios como o do mito, do culto ou da numeração que se opõe aos outros níveis heterogêneos como a esfera do político, das relações de parentesco e tudo aquilo que “diz respeito à economia dos bens e dos prestígios” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.24). Assim, toda a produção de sentido pertence à esfera da cultura e a cada alma coletiva (os povos, as etnias, os grupos sociais) será atribuída uma cultura. Portanto é importante ressaltar, nesta pesquisa, que as pessoas não vivem essas atividades em esferas separadas, como explica muito bem Guattari.

Da mesma maneira que o burguês fidalgo de Moliere descobre que ele “faz prosa”, as sociedades ditas primitivas descobrem que “fazem cultura”; elas são informadas, por exemplo, de que fazem música, dança, atividades de culto, de mitologia e outras tantas. E descobrem isso, sobretudo no momento em que pessoas vem lhes tomar a produção para expô-la em museus ou vende-las no mercado de arte para inseri-las nas teorias antropológicas científicas em circulação. Mas estas sociedades não fazem nem cultura, nem dança nem música. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.25)

Porque não há setorialização de suas atividades, pelo contrário, todas essas atividades são articuladas entre elas num processo de expressão com sua forma de produzir bens e suas próprias relações sociais.

É possível perceber a importância de observar a educação como ponto de conexão para o esclarecimento da crítica à cultura, pois todo este processo culturalizante exposto acima é idêntico ao processo de escolarização da criança que visa a padronização infantil que é impossível em sua totalidade:

Antes disso (das crianças serem integradas ao sistema de escolarização), elas brincam, articulam relações sociais, sonham, produzem e mais cedo ou mais tarde, vão ter que aprender a categorizar essas dimensões de semiotização no campo social normalizado. Agora é hora de brincar, agora é hora de produzir para a escola, agora é hora de sonhar, e assim por diante. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.25)

O terceiro e último sentido de Cultura é a categoria de Cultura-Mercadoria que se pretende muito mais objetiva que as anteriores, pois implica em produzir e difundir mercadorias culturais, a princípio, sem levar em consideração os sistemas de valores da cultura e as diferenças entre as culturas (Cultura Alma Coletiva), pois esta cultura se produz e reproduz constantemente para englobar o máximo de pessoas possíveis. Pode-se observar que há regras, leis e nomenclaturas científicas para classificar os níveis culturais das cidades, das categorias sociais, e assim por diante, sempre em função dos números: índices de livros produzidos, número de filmes, número de salas de uso cultural. Portanto, tem-se um modelo, quantitativo, e a cultura é medida em relação a este modelo que quanto mais próximo do ideal, mais culto o país, a classe, o grupo, se torna.

Esses três sentidos de cultura continuam a funcionar simultaneamente, por haver uma relação de complementaridade entre elas, pois a produção de subjetividade capitalística utiliza os meios de comunicação de massa para gerar uma cultura com vocação universal, onde todos são chamados, ninguém deve ser excluído e todos são integrados. Esta cultura universal tem como objetivo a confecção da força coletiva de trabalho³ e da força coletiva de controle Social⁴. Porém para que a cultura de massas atinja estes dois objetivos é necessário “tolerar territórios subjetivos que escapam relativamente a essa cultura geral” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.26), ou seja, tolerar setores da cultura minoritária que são subjetividades onde podemos nos reconhecer e nos resgatar entre nós em uma orientação alheia a do Capitalismo Mundial Integrado⁵.

Essa cultura capitalística busca expandir seu controle sobre todas as pessoas e meios sociais, como foi exposto acima, mas, de forma brilhante, ela própria passou a produzir suas margens e a equipar terrenos subjetivos que antes não eram controlados por ela, como é o

³ Referente à exploração do potencial da força de trabalho das pessoas, seja por meio das metas ou por meio do medo da demissão.

⁴ É produzido nas pessoas uma necessidade de observar e vigiar as ações das outras pessoas, em especial por meio da mídia televisiva, dos grupos religiosos e até mesmo culturais.

⁵ Conceito utilizado por Guattari para designar o controle sobre a mais-valia econômica, mais-valia do poder e o poder sobre a energia., sempre utilizado pelas classes dominantes e muito desejadas por todas as outras classes.

caso, das famílias, dos grupos sociais, das minorias, etc. Esse controle é muito bem ilustrado no recorte de um texto de Emil Cioran, em que escreve:

"Perdoa-se tudo, contanto tenha-se uma profissão, um subtítulo sob seu nome, um selo sobre seu nada. Que ninguém tenha audácia de gritar: "Não quero fazer nada!"; se é mais indulgente com um assassino do que com um espírito liberado dos atos. Multiplicando as possibilidades de submeter-se, abdicando de sua liberdade, matando em si mesmo o vagabundo, foi assim que o homem refinou sua escravidão e submeteu-se aos fantasmas." (CIORAN, 2011, P. 194.)

Um outro exemplo desse controle no âmbito da cultura são os Ministérios da Cultura que utilizam um argumento democrático e igualitário, mas necessitam incentivar a produção cultural que lhes permita se aproximar da produção das sociedades industriais ricas (que é a que lhes interessam) e todas aquelas que não se enquadram neste modelo exigido, são acolhidas⁶, mas sempre colocadas à margem, como inferiores. Pode-se observar que os próprios ministros da cultura e especialistas dos equipamentos culturais se esforçam para não qualificar socialmente os consumidores dos objetos culturais, mas é tudo em vão porque

"o campo social que recebe a cultura não é homogêneo. A difusão de produtos como um livro ou um disco não tem absolutamente a mesma significação quando veiculada nos meios de elites sociais ou nos meios de comunicação de massa, a título de formação ou de animação cultural" (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.25).

Portanto, é impossível falar de uma igualdade cultural no mundo orientado pelo Capitalismo Mundial Integrado, pois uma pessoa que não conviveu em um ambiente de objetos culturais não tem o mesmo tipo de relação de alguém que, até mesmo quando criança passava horas na biblioteca, como Jean-Paul Sartre⁷. Pode-se observar que o conceito de cultura mais operante na atualidade, inconsciente ou não, é o que se refere ao sentido de valor exposto no início deste artigo, pois é apenas a nível teórico que há o respeito pelas diferenças, porque na prática, na realidade e na sociedade, o que ocorre é que as pessoas de cultura são aquelas que sabem reproduzir palavras "educadas", determinadas atitudes que se iniciam na forma de andar até na linguagem e idiomas falados e que reproduzem as etiquetas, ou seja, na cultura capitalística, todo grupo que reivindica para si o status de grupo cultural já surge inserido nessa lógica dominante de reprodução de uma linguagem, de símbolos, de conceitos que identificam todos de um determinado grupo, além do que nunca serão vistos e muito menos respeitados pelas elites capitalísticas com sua cultura, pois muito além de a cultura ser transmissão de informação cultural, transmissão de sistemas de modelização é, acima de tudo

⁶ Para que não fiquem perdidas em um mundo abstrato, sem referências culturais.

⁷ Sartre, em sua autobiografia intitulada *As palavras*, ressalta que passava muitas horas na biblioteca de seu avô.

um meio pelo qual as elites controlam o mercado geral de poder⁸, que tem por sua principal característica o poder “não apenas sobre os objetos culturais, ou sobre as possibilidades de manipulá-los e criar algo, mas também um poder de atribuir a si os objetos culturais como signo distintivo da relação social com os outros.” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.26). Por exemplo, o fato de um aluno ou de um professor da educação básica falar alguma banalidade sobre Marx, Locke, Sartre, Bourdieu, Nietzsche, Zizèk, ... , não altera em nada seu valor na sociedade, mas se a mesma banalidade é falada pelo Willian Bonemer Júnior (Willian Bonner), repórter e editor chefe do jornal televisivo mais assistido no Brasil, sua fala se transforma em um indicador, não de seu conhecimento sobre o assunto e muito menos sobre o autor, mas um indicador de que ele pertence a um determinado meio de poder, que é o da cultura. Outro exemplo muito oportuno do mercado geral de poder que a cultura proporciona e resgatado nas últimas eleições presidenciais foi o argumento da incapacidade: muitas pessoas, inclusive seu concorrente, Aécio Neves, argumentavam que Dilma Rousseff e o PT foram e serão incapazes de gerir a sociedade brasileira por não terem competência para administrar as crises econômicas e financeiras que o país está inserido, mas a questão verdadeira aqui não era a competência, até mesmo porque o nível de incompetência e corrupção do grupo que apresentava essas críticas e que representava as vontades das elites econômicas, foram, sempre, muito notórios. A verdadeira questão nunca foi a competência (nem no caso de Lula, que concorreu à presidência da república desde 1989, sendo este argumento um dos mais proferidos contra este candidato e seu partido, e muito menos no caso de Dilma, como foi possível vivenciarmos nestas últimas eleições de 2014). Uma das coisas que se esconde com este argumento e esta crítica é que qualquer sistema de gestão moderna dos grandes processos industriais e sociais implica na articulação e conexão de diferentes níveis de competência. A segunda coisa que se oculta, e principal aspecto para esta pesquisa, é que com o argumento supracitado uma grande parte das pessoas e grupos sociais que apoiaram o PT no segundo turno das eleições presidenciais (setores como os partidos de esquerda oficiais ou não e muitos movimentos sociais), não participava da qualidade de cultura dominante representada por um estilo e etiqueta predominantemente estabelecido, melhor explicando, a crítica verdadeira é anterior a qualquer frase e discurso que seja elaborado, porque essas pessoas não fazem parte de uma cultura capitalística dominante⁹.

⁸ Mercado Geral de Poder é um conceito criado por Guattari para designar o objeto cultural como objeto distintivo da relação e dos grupos sociais.

⁹ Há uma espécie de cultura capitalística não dominante que são as que vigoram em muitos grupos pequenos que se estruturam da mesma forma que os dominantes e que tem por objetivo ser dominante.

É importante o estudo da cultura capitalística porque é necessário termos consciência dos modos de controle e de produção de subjetividade capitalísticos para que possamos criar possibilidades de fuga, pois a vivenciamos (produção capitalística) constantemente, para realizarmos nossas criações subjetivas. Porque é somente por meio da fuga dessa cultura de massa que será possível a produção de uma subjetividade que seja capaz de gerir as sociedades “desenvolvidas” ao mesmo tempo em que possa “gerir processos de singularização subjetiva, que não confinem as diferentes categorias sociais (minorias sexuais, raciais, culturais, e quaisquer outras) no esquadramento dominante do poder” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.29)¹⁰. Somente na crítica à cultura capitalística é que há a possibilidade de tomada de consciência da necessidade da fuga para que nossa subjetividade possa surgir, mostrar-se, respirar. É a partir da fuga que podemos pensar outros modos de orientação no mundo e em nós mesmos, outros modos de divisão social da produção que não segregue nossas orientações no mundo em esferas separadas, como a de cultura, ou seja, é importante pensarmos nas possibilidades, como apresenta Guattari “como proclamar um direito à singularidade no campo de todos esses níveis de produção ditas “cultural” sem que essa singularidade seja confinada num novo tipo de “etnia”? (...) como abrir, e até quebrar, essas antigas esferas culturais fechadas sobre si mesmas?(GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.29).

3. CONCLUSÃO

Pensar a política e a sociedade é antes pensar na cultura em que ela está estabelecida. É necessário pensar uma resistência à cultura capitalística que muito bem consegue seu objetivo: sujeitar as subjetividades, criar indivíduos e separá-los como em esferas todas as suas atividades. Pode-se observar que apesar de ter sido apresentado três tipos de Cultura, no fundo há somente uma: a capitalística, que faz com que os três sentidos anteriores sejam apenas suas diferentes aparências, até mesmo porque não há nada mais capitalístico e comercial do que fazer apologia da cultura popular, ou da cultura proletária, ou de qualquer gênero. Pois não há mercadoria mais vendida do que a ideia de uma cultura popular ou uma cultura proletária ou ainda uma cultura negra ou qualquer outra setorialização. Com isso

¹⁰ Isso é de extrema relevância porque as próprias minorias sociais lutam para se incluírem, cada vez mais, dentro da lógica capitalista. Um exemplo disso é a luta do movimento LGBTTS pelo direito de casar, de adotar, de ocupar altos cargos em grandes empresas, etc. Outro fator importante é que busca-se cada vez mais uma identidade estática de pensamento, que ocasiona, na maioria das vezes, a exclusão de pessoas que se identificam com um movimento, mas não compartilham da visão instituída pelo grupo.

pode-se observar que este conceito de cultura é sempre etnocêntrico¹¹ e intelectocêntrico, pois nenhum leva em consideração as criações subjetivas. Logo, é importante apresentar a possibilidade de uma resistência à cultura capitalística, às políticas culturais dos ministros da cultura que querem sempre, de má-fé, convencer as pessoas de que quando falam de cultura não estão tratando de problemas políticos, sociais, educacionais, trabalhistas, existenciais. Assim, os três sentidos de cultura apresentados serve-nos como meio de impedir que a produção de subjetividade disseminada pelos meios de comunicação de massa (bem pensada e bem planejadas nos gabinetes, pois o objetivo é igualar toda cultura com a dos países desenvolvidos) se instaure. Com isso, o desmantelamento da produção de subjetividade capitalística só pode ocorrer no conflito, nos desvios, nas fugas, nas barricadas postas no conflito com nós mesmos (ou nos conflitos sociais também) e com as necessidades sociais criadas pelo poder capitalístico dominante, pois somente por meio dessas resistências a singularidade tem o poder de se manifestar e criar a si mesmo, ou melhor, criar sua própria singularidade. Isso é de extrema importância porque se fracassarmos nessa resistência, todas as criações humanas serão executadas pelo controle capitalístico (que vive de suas administrações de crises) e movidas por meio do mercado geral de poder. Por fim, convém ressaltar que apenas por meio da criação subjetiva realizada nos territórios subjetivos¹²¹³ de cada pessoa surgirá há a possibilidade de desestruturação da sociedade capitalística onde as classes dominantes buscam sempre a mais-valia econômica através do dinheiro, e a mais-valia do poder por meio da cultura. E quando temos consciência disso, é opcional nos reprimirmos , ou elaborarmos fugas para que possamos existir enquanto subjetividade, construindo uma sociedade não de relações entre grupos, mas de uma subjetividades em relação com outras subjetividades.

¹¹ É importante ressaltar que etnocentrismo não é entendido aqui apenas como referente ao padrão apresentado pelos meios de comunicação de massa, mas faz referência também ao etnocentrismo produzido nas minorias em que lutam para se tornarem dominantes nas relações sociais, pois “há muitas maneiras de a cultura ser etnocêntrica, e não apenas na relação racista do tipo cultura masculina, branca, adulta. Ela pode ser policêntrica ou polietnocêntrica, e preservar a postulação de uma referência de cultura-valor (...) inteiramente paralelo ao capital” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, P.31).

¹² Territórios subjetivos faz referência aos locais subjetivos, que a pessoa tem consciência ou não, que a pessoa necessita para fazer o que quer, mesmo que seja no pensamento.

¹³ É necessário lembrar que a cultura capitalística também cria subjetividade, por isso que faz-se necessário a utilização do termo criação subjetiva para contrapor a criação de subjetividade capitalística.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIORAN, E. M. Breviário de decomposição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. Educação e realidade, nº27, Rio Grande do Sul, p. 169 - 178. Jul/Dez 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.